

ALMADA

MOBILIDADE

Menos carros, mais espaço
para as pessoas

CARAS E CAROS ALMADENSES, passado o verão, volto a uma palavra que marcou a vida de muitas famílias almadenses: água. Sei bem da angústia e do desconforto que viveram e, por isso, não podemos deixar que aquelas semanas se repitam. O acordo que assinámos há dias com a EPAL e os SMAS mostra que continuamos a trabalhar para tornar o abastecimento de Almada mais resiliente.

Mas importa entender o que esta crise teve de diferente e de mais preocupante: Almada nunca foi autossuficiente na captação de água e sempre dependeu do município vizinho do Seixal. A maior parte dos nossos furos situa-se naquele concelho e todos dependemos do mesmo aquífero. O colapso da nossa maior captação, no ano passado, e a impossibilidade de um acordo atempado tornaram ainda mais evidente esta nossa fragilidade.

Na emergência, as equipas trabalharam dia e noite. Houve cortes no turnos programados, camiões-cisterna, restrições ao uso não essencial e a antecipação do funcionamento de novas captações, graças ao empenho das entidades licenciadoras; neste caso, a Agência Portuguesa do Ambiente (APA), a quem muito agradeço. Agradeço, uma vez mais, a quem esteve no terreno e a todos os almadenses que, conscientes da situação, cumpriram as nossas recomendações de poupança. Essas medidas ajudaram-nos a atravessar o ponto mais crítico em tempo recorde; agora temos de preparar o futuro.

Estamos confiantes de que o acordo com o Seixal, que está a ser mediado pela APA e pela entidade reguladora, a ERSAR, possa estar concluído em outubro. Preparar o futuro implica cuidar das captações existentes, reforçar a fiscalização, continuar a renovar a rede, mas multiplicar furos no mesmo aquífero não pode ser a única resposta. É esse o sentido do acordo com a EPAL: estudar uma solução que permita diversificar as origens de abastecimento e criar redundância. Se precisamos de continuar o nosso esforço de uma gestão cada vez mais eficiente da água, é um passo importante que abre um caminho concreto para reduzir a vulnerabilidade de Almada.

Também importa repor a verdade quanto aos investimentos na renovação da rede de água e saneamento. Desde 2018, enquanto os SMAS se concentraram na manutenção das infraestruturas existentes, a CMA investiu 109 milhões de euros em obras no espaço público, infraestruturas e edifícios. Nas empreitadas de espaço público, a CMA investiu cerca de 2 milhões de euros na renovação das redes de abastecimento, no saneamento e em marcos de incêndio, habitualmente da responsabilidade dos SMAS. Renovar estas infraestruturas quando requalificamos uma rua evita abri-la mais tarde.

Foi o que aconteceu com a Estrada Florestal e a Avenida do Mar, para mencionar apenas as maiores. Será também essa a opção na reabilitação integral da Avenida Sacadura Cabral, na Charneca - um investimento de cerca de quatro milhões de euros, dos quais 10% destinam-se a infraestruturas subterrâneas - e na intervenção na Bateria da Raposa.

Neste contexto importa reconhecer que as moções de censura são atos políticos lícitos, embora não tenham efeitos práticos. No entanto, o debate poderia servir para encontrar soluções para o futuro. Infeliz-



INÊS DE MEDEIROS

PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA

mente, não foi isso que aconteceu e ficou bem claro quem efetivamente se preocupa com a recuperação do atraso que temos nesta matéria: a requalificação das infraestruturas e a melhoria da eficiência na captação e no abastecimento de água em alta e na sua distribuição em baixa.

A Câmara Municipal e a atual administração dos SMAS não se recusam a reconhecer falhas, desta e de anteriores direções. Mas seria eticamente mais recomendável e transparente que todos os que estiveram na administração dos SMAS ao longo dos 70 anos que esta grande casa comemora este ano tivessem a coragem da verdade perante os almadenses. Em particular nos dois últimos mandatos em que o partido proponente da moção de censura sempre esteve na administração.

As dificuldades não se superaram com proclamações, mas com trabalho sério devidamente comprovável e no terreno. Num momento em que as democracias estão em risco, a palavra tem de ter o valor da verdade. E por isso, para além do que já foi mencionado, também avançamos com os estudos no âmbito da AIA para uma resposta regional.

Nesta edição, encontram ainda muito do trabalho que continuamos, apesar das dificuldades. Temos equipas municipais mais empenhadas do que nunca em todas as áreas: medidas da Semana Europeia da Mobilidade, que devolveram espaço a quem anda a pé; a substituição de mais de 33 mil luminárias por tecnologia LED e a entrega de novas casas a 27 famílias, no âmbito da nossa Estratégia Local de Habitação.

Encontram ainda a história de um antigo complexo industrial em ruínas, na Romeira, que a persistência de uma família transformou num polo gastronómico e cultural. Reconheço nessa história uma Almada que não se resigna, mobilizada pela sua modernização e desenvolvimento justo.

Não posso terminar sem desejar a toda a comunidade educativa um bom início de ano escolar. Também aqui sabemos que nem sempre é fácil. Saibam que é sempre com a mesma determinação que continuamos a trabalhar: assumindo as dificuldades e procurando, em conjunto, resolvê-las. Porque Almada o merece...

Saiba tudo o que mudou na forma como nos movemos em Almada

Semana Europeia da Mobilidade _____ 18

FLORBELA SALGUEIRO



Serviços

Cartão Almada - o que é e como funciona _____ 5

Em Arquivo

Arte Xávega _____ 6

Acontece

Resumo da atividade municipal _____ 8

Sustentabilidade

Conheça as vantagens da nova iluminação pública de Almada _____ 24

Património

Roteiro dos sítios arqueológicos do concelho _____ 28

Sinais de diversidade em cinco mil anos de história _____ 32

Cooperativa Piedense: A nova casa do património de Almada _____ 34

Portfólio

Festival O Sol da Caparica em imagens _____ 38

Radar

O futuro da Romeira _____ 46

Almada em Mim

The Great British Tuga _____ 48

ALMADA

FICHA TÉCNICA

Edição: Câmara Municipal de Almada | Departamento de Comunicação

Diretora:

Inês de Medeiros

Diretora-Adjunta:

Raquel Antunes

Coordenação:

Sara Dias

Consultor Editorial:

Paulo Tavares

Editor de Fotografia:

Luís Filipe Catarino

Redação: Bruna Ferreira, Joana Mendes, Margarida Leal, Mário Salgado, Paulo Tavares e Tiago Queirós

Fotografia: Anabela Luís, Carlos Valadas, Florbela Salgueiro, Raquel França

Design: Pedro Fernandes

Paginação: Carlos Lima, Catarina Lopes, Elisabete Correia, Inês Caraça, Rita Sarmiento e Susana Tormenta

Foto da capa: Florbela Salgueiro

Impressão: Lidergraf - Artes Gráficas, SA

Tiragem: 115 000 exemplares

Periodicidade: Bimestral

Distribuição: Premium Green Mail

Depósito Legal: 520442/23

ISSN: 2184-9137

Publicação isenta de registo na ERC ao abrigo do Decreto Regulamentar n.º 8/99, de 9 de junho, art.º 12.º, n.º 1b).
Textos escritos ao abrigo do novo Acordo Ortográfico.

Contactos úteis:

Geral

Tel.: 212724 000

Gabinete de Atendimento Municipal

Linha Verde Almada Informa

- 800 206 770

E-mail:

almadainforma@cm-almada.pt

Site:

cm-almada.pt

f @ 📷 📺 📢

CMA CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA

Cartão Almada



O Cartão Almada reúne num único lugar o acesso a serviços, equipamentos e benefícios exclusivos. Disponível em formato digital e físico, pode ser utilizado por munícipes e por todos os que visitam ou utilizam os serviços do concelho. Se for comerciante, ao aderir à rede de parceiros, o seu estabelecimento passa a integrar uma plataforma de benefícios que dá maior visibilidade ao seu negócio e cria novas oportunidades para atrair e fidelizar clientes.

Leve Almada consigo.

COM O CARTÃO ALMADA PODE:

- Utilizar o estacionamento na rede WeMob
- Aceder a equipamentos e eventos municipais pagos
- Beneficiar de descontos em atividades desportivas promovidas pela Câmara Municipal de Almada
- Acumular e trocar pontos por vantagens exclusivas
- Aproveitar descontos e ofertas no comércio local e em empresas aderentes

COMO ADERIR?

É simples e gratuito.

1. Registe-se no *website* do Cartão Almada
2. Ou descarregue a App Cartão Almada
3. Comece a usufruir das vantagens disponíveis



ADIRA JÁ

É comerciante? Faça parte da rede de parceiros.

VANTAGENS PARA O SEU NEGÓCIO

- Divulgação na App e no *website* Cartão Almada
- Maior visibilidade junto dos utilizadores do cartão
- Acesso a novos clientes e públicos
- Possibilidade de criar campanhas promocionais exclusivas
- Emissão de *vouchers*, descontos e ofertas personalizadas
- Integração numa rede municipal de valorização do comércio local

COMO ADERIR?

1. Registe o seu estabelecimento
2. Submeta a informação solicitada
3. Após validação, passe a integrar a rede de parceiros Cartão Almada



ADIRA JÁ

Ao aderir ao Cartão Almada está a contribuir para uma comunidade mais forte.

Arte Xávega, tradição e sustento

TEXTO Paulo Tavares

FOTOGRAFIAS Arquivo Histórico Municipal de Almada

HÁ SÉCULOS QUE, NA COSTA DE CAPARICA, se pesca no mar a partir da areia. A arte xávega, uma técnica de arrasto colectivo em que dezenas de homens puxam pela rede em terra, é um dos rituais mais antigos e persistentes desta comunidade piscatória, transmitido de geração

em geração com uma fidelidade que desafia o tempo. Classificada como Património Cultural Imaterial nacional, a arte xávega continua viva nos meses de verão na Costa de Caparica, unindo tradição e identidade num gesto que é, ao mesmo tempo, trabalho e memória.



4



1 – As festas de 24, 25 e 26 de Setembro, na praia da Costa de Caparica, [195-?]. Arquivo Histórico Municipal de Almada. Autor: António Correia. 2 – Costa de Caparica (Almada): Pescadores puxando pela rede, [195-?]. Arquivo Histórico Municipal de Almada, Coleção Almada em Postal. Autor: António Passaporte. 3 – Pescadores, praia na Costa de Caparica, 2000. Arquivo Histórico Municipal de Almada. 4 – Portugal: Costa de Caparica: Entrando no mar, [193-?]. Arquivo Histórico Municipal de Almada, Coleção Almada em Postal. Autor: João Martins. 5 – Pescadores, praia na Costa de Caparica, [199-? Ou 200-?]. Arquivo Histórico Municipal de Almada, Câmara Municipal de Almada.

5



Acontece



ÁGUA

EPAL estuda reforço do abastecimento em Almada

A CMA os SMAS e a EPAL assinaram, a 23 de setembro, um acordo de colaboração para o estudo de uma solução que reforce a sustentabilidade e a resiliência do sistema de abastecimento de água ao concelho, atualmente dependente apenas de origens subterrâneas.

O estudo, a cargo da EPAL e sem custos para o Município, vai avaliar o eventual fornecimento de água pela rede da empresa, que serve Lisboa numa zona próxima de Almada. Concluído o trabalho, a EPAL apresentará uma proposta de contrato de fornecimento, com prazos, tarifário e volumes a acordar entre as partes. O acordo não compromete nenhuma das partes a um contrato ou investimento, e os SMAS mantêm-se livres para procurar outras origens de água.

O documento foi assinado, no Museu de Almada - Casa da Cidade, pela presidente da CMA, Inês de Medeiros, pelo



presidente do conselho de administração dos SMAS, Luís Palma, e pelos representantes da EPAL, José Manuel Sardinha e Manuel Joaquim Barata Frexes.

Inês de Medeiros afirmou que este é “um passo muito importante para o futuro do abastecimento de água em Almada” e que “depois do que vivemos este verão, não podemos ficar em suspenso enquanto uma solução mais ampla é estudada. Este acordo permite avançar, desde já, em articulação com esse trabalho e será certamente uma primeira etapa desse sistema de resiliência que se pretende para toda a península”.

José Manuel Sardinha, presidente executivo da EPAL, garantiu que este acordo “é uma grande realização para nós, empresa 100% pública, a funcionar há 158 anos: poder estudar e apresentar uma solução para o século XXI, de resiliência e de segurança”.

A ministra do Ambiente e da Energia, Maria da Graça Carvalho, também presente na cerimónia, lembrou que este acordo é apenas um primeiro passo, de um plano maior, que passa por “encontrar uma estratégia para a gestão sustentável dos recursos hídricos de toda a Península de Setúbal, que é uma região que está toda dependente do aquífero, com mais de um milhão de habitantes e que vai albergar muito em breve o novo aeroporto de Lisboa”.

| Margarida Leal e Tiago Queirós



EDUCAÇÃO

Escola Básica n.º 1 da Trafaria renasce com mais espaço para os mais novos

Construída em 1900 e conhecida como a “centenária”, a Escola Básica n.º 1 da Trafaria passou por uma profunda intervenção, que lhe devolveu dignidade e acrescentou futuro. A cerimónia de inauguração contou com a presença da presidente da Câmara Municipal de Almada, Inês de Medeiros, que descerrou a placa comemorativa.

A obra incluiu a construção de um novo edifício destinado ao pré-escolar, com seis salas de aula, uma sala polivalente, uma biblioteca e um espaço dedicado ao ensino estruturado. Com esta ampliação, a capacidade de resposta do pré-escolar passou de 25 para 75 crianças, reforçando significativamente a oferta na freguesia da Trafaria. No edifício existente, onde

funciona o 1.º ciclo do ensino básico, foram realizadas obras de melhoria das salas de aula, substituição dos pavimentos e requalificação das instalações sanitárias. No exterior, foram criadas novas áreas de recreio, um campo de jogos, uma zona coberta e rampas de acessibilidade.

A intervenção foi financiada em 2,1 milhões de euros pelo Plano de Recuperação e Resiliência e enquadra-se no compromisso municipal de reforço da rede escolar, nomeadamente no que respeita à educação pré-escolar, considerada uma etapa fundamental para o sucesso educativo. | **Tiago Queirós**

LUÍS FILIPE CATARINO



HABITAÇÃO

27 famílias recebem chaves de casa na Quinta do Pombal e em Vale do Linhoso

Dezoito famílias receberam, na Quinta do Pombal, na Caparica, as chaves das suas novas casas, na mais recente e numa das maiores entregas de habitação a custos controlados feitas este ano pela Câmara Municipal de Almada. A cerimónia contou com a presença da presidente Inês de Medeiros, da secretária de Estado da Habitação, Patrícia Gonçalves Costa, do vice-presidente da autarquia e vereador com o pelouro da Habitação, Filipe Pacheco, e da presidente da União das Freguesias de Caparica e Trafaria, Sandra Chaíça. Na sua intervenção, Inês de Medeiros sublinhou que a habitação municipal deve estar integrada na malha urbana, e não concentrada em espaços segregados, defendendo também a qualidade arquitetónica destes empreendimentos.

As casas da Quinta do Pombal, de tipologia T3 e T4, foram atribuídas em regime de arrendamento apoiado, ao abrigo do Habit'Almada, e resultam de um investimento de cerca de 2,3 milhões de euros financiado pelo PRR.

Semanas antes, em julho, a autarquia já tinha entregue as chaves de nove habitações em Vale do Linhoso, na Sobreda, num momento em que Inês de Medeiros lembrou que “a habitação é um direito”, independentemente do percurso de vida de cada família.

As duas entregas fazem parte de um conjunto mais vasto de 95 fogos previstos na Estratégia Local de Habitação, distribuídos por quatro locais do concelho. No total, o investimento municipal em habitação, ao abrigo do PRR, ronda os 22 milhões de euros, com candidaturas que ultrapassam os 57 milhões e abrangem 531 habitações. | **Tiago Queirós**

ANABELA LUÍS





Fernanda Leitão (Recreios Desportivos da Trafaria) com Inês de Medeiros e João Couvaneiro, presidente da AMA.

MEDALHAS MUNICIPAIS

Almada distingue personalidades e instituições

TEXTO **Tiago Queirós**
FOTOGRAFIAS **Anabela Luís**

No Dia da Cidade, 24 de junho, a Câmara Municipal de Almada homenageou personalidades e instituições que se destacaram pelo contributo prestado ao concelho. A cerimónia decorreu no Museu de Almada, com a presença da presidente Inês de Medeiros e do executivo municipal. Foram atribuídas Medalhas de “Mérito Desportivo” a Miguel Gomes, Pedro Pessoa, José Manuel Santos, Lara Alves e ao Futsal Feijó; de “Mérito Cultural” a Emília Bernardes, aos Recreios Desportivos da Trafaria e a O Farol – Associação de Cidadania de Cacilhas; de “Bons Serviços” a José António Couveiro Brito; e de “Mérito e Dedicção” a José João Mendes, Ana Silvestre, Baltasar Grilo, Lurdes Soares, Padre Pedro Quintela, Estêvão Luís Vale Azevedo Pape, AD SUMUS, Associação Padre Amadeu Pinto, ASDL, Café Central e Restaurante A Cabrinha.



José João Mendes, Ana Silvestre, Baltasar Grilo e Inês de Medeiros.



Lurdes Soares, Pe. Pedro Quintela, Estevão Luís Vale Azevedo Pape e os vereadores Luís Palma, Helena Azinheira e António Matos.



Miguel Gomes, Pedro Pessoa, José Manuel Santos, Lara Alves e Pedro Silva, Futsal Feijó (representado pela dirigente Noémia João), Inês de Medeiros e João Couvaneiro.



Emília Bernardes e Henrique Mota (Associação O Farol) com os vereadores Luís Palma, Helena Azinheira e António Matos.



Representantes da AD SUMUS, da Associação Padre Amadeu Pinto, da ASDL, do Café Central e do Restaurante Cabrinha com os vereadores Ivan Gonçalves e Francisca Parreira.



José António Couveiro Brito com Inês de Medeiros.

RAQUEL FRANÇA



COMÉRCIO LOCAL

Artéria - o comércio que faz pulsar o concelho

Até 31 de outubro, Almada sai à rua com o “Artéria”, um programa de animação que leva cinema, música e performances itinerantes a ruas, praças, jardins e mercados de Almada, Cacilhas, Cova da Piedade e Costa de Caparica. O objetivo é valorizar o comércio tradicional e as zonas de restauração e convidar quem vive, trabalha ou visita o concelho a usar o espaço público de forma mais próxima e descontraída.

O programa reúne três iniciativas. O “Cinema no Largo” transformou o Largo Gabriel Pedro numa sala ao ar livre, com pipocas incluídas. O “Compasso para Parar” leva, ao longo de três meses, artistas de diferentes origens a atuações pop-up em mercados e jardins do concelho, de manhã e ao fim do dia, com sonoridades que vão da canção brasileira às raízes ucranianas ou goesas. A “Noite Branca” transformou a Rua Cândido dos Reis, em Cacilhas, numa grande festa de rua, com DJs, animação e glitter bar.

O “Compasso para Parar” continua ao longo de outubro, com concertos em Almada e na Cova da Piedade, encerrando no dia 31 de outubro com uma festa final no Largo Gabriel Pedro. O “Artéria” é uma parceria com a Aletria - Centro Cultural a Céu Aberto, com o apoio da CCDD LVT.

| Paulo Tavares

EDUCAÇÃO

Receção à Comunidade Educativa

Até novembro, a CMA organiza uma série de atividades que visam proporcionar momentos de debate, reflexão, produção de conhecimento e muito convívio entre alunos, professores, educadores e todos os profissionais que trabalham nesta área.

O programa da Receção à Comunidade Educativa é vasto e reúne iniciativas como *workshops* de teatro, visitas a espaços patrimoniais, oficinas em que os mais novos podem ser arqueólogos por um dia ou descobrir personagens invisíveis e animais inesperados.

Há muito para as turmas descobrirem, incluindo ações desenvolvidas em parceria com entidades locais, mas também com instituições nacionais como o Oceanário de Lisboa e a Fundação Oceano Azul, em parceria com o EduQA.

O programa completo está disponível no site da Câmara Municipal de Almada, em www.cm-almada.pt.

| Bruna Ferreira

RAQUEL FRANÇA



CULTURA

Almada candidata-se a Capital Portuguesa da Cultura 2028

Foi sob o mote “Confluência com Todas as Margens” que a candidatura de Almada a Capital Portuguesa da Cultura 2028 foi apresentada no Salão de Festas da Incrível Almadense, a 19 de setembro.

A presidente da Câmara Municipal de Almada, Inês de Medeiros, apresentou o concelho enquanto um território de muitos encontros, moldado ao longo dos séculos, resultando num ecossistema cultural rico e diversificado. A candidatura, cujo objetivo não será a construção de um

edifício ou a realização de um festival, mas antes o fomentar de um intercâmbio entre agentes culturais do concelho que perdure no tempo, conta com uma extensa lista de embaixadores, com personalidades de perfil elevado em diferentes áreas da Cultura: Ana Vilaça; António Gomes de Pinho; Carlão; Fernanda Serrano; Filipe Pinto-Ribeiro; Joana Pitanga; João Salaviza; José Manuel Maia; Luisa Costa Gomes; Nuno Saraiva; Rodrigo Francisco e Romeu Runa.

| Bruna Ferreira

LUÍS FILIPE CATARINO



CULTURA

Festival de Almada - a literatura em palco

Entre 4 e 18 de julho, a 43.ª edição do Festival de Almada apresentou uma programação que apostou no diálogo entre teatro, dança, performance, música e variedades. Este ano, a literatura ocupou um lugar central, com várias criações a partir de obras de Tchekhov, Ionesco, Beckett ou Nelson Rodrigues. O Festival voltou a organizar colóquios diários com criadores e concertos de entrada livre na Esplanada da Escola D. António da Costa. A companhia alemã Familie Flöz regressou com “Teatro Delusio”, votado no ano passado pelo público como Espetáculo de Honra 2026. | Paulo Tavares

CARLOS VALADAS





CULTURA

Festival dos Capuchos de regresso com “Amores & Humores”

Sob o mote “Amores & Humores”, o Festival dos Capuchos regressou a Almada para a sua sexta edição, entre 23 de maio e 24 de junho, sob a direção artística do pianista Filipe Pinto-Ribeiro. A programação cruzou cinco séculos de música, da polifonia renascentista à

contemporaneidade, com destaques como a estreia em Portugal dos SLIXS - A Cappella Ensemble, a presença do Quarteto de Leipzig, dos Mnozil Brass e uma Gala de Ópera gratuita no Parque da Paz, com a Orquestra Metropolitana de Lisboa. O Convento dos Capuchos, o Teatro Municipal Joaquim Benite e o Auditório Fernando Lopes-Graça acolheram concertos, conversas e uma edição da iniciativa “Ópera para Crianças”. | **Paulo Tavares**



CULTURA

Há um novo cineclube no coração de Almada Velha

O Salão das Carochas ganhou uma nova vida. O CineCarochas, o novo cineclube da cidade, abriu portas a 21 de maio com um ciclo inaugural dedicado ao cinema português, sob o mote “Deus, Pátria... Não! Cinema Português, Sim!”. Ao longo do ano, dez sessões vão apresentar filmes de autores como Ivo M. Ferreira, Pedro Pinho e Margarida Cardoso, com conversas exclusivas com os cineastas. A 15 de outubro, às 21h, como parte do ciclo inaugural, passa o filme “Nação Valente”, de Carlos Encarnação. | **Paulo Tavares**

SUSTENTABILIDADE**Mercado Circular aposta em economia partilhada e lança nova Ferramenteca**

A segunda edição do Mercado Circular levou ao Mercado das Torcatas, no dia 16 de maio, mais uma jornada dedicada à sustentabilidade e à economia circular. A iniciativa,

que integra o projeto Bairro Circular de Almada, deu visibilidade a projetos que aplicam princípios de redução, reutilização e valorização de materiais, incentivando novas formas de prolongar o ciclo de vida dos produtos. Um dos destaques foi a inauguração da Ferramenteca, um

serviço gratuito de empréstimo de ferramentas manuais, elétricas, de medição e jardinagem, destinado a residentes no concelho maiores de 18 anos. A ideia é simples: em vez de cada pessoa comprar ferramentas que usa uma ou duas vezes, pode requisitá-las gratuitamente para pequenas reparações e projetos de bricolage. O espaço funciona no Mercado das Torcatas, em Almada.

O Mercado Circular foi também palco da comemoração dos 11 anos da Cicloficina de Almada. Durante a iniciativa, a CMA apresentou ainda projetos de valorização de biorresíduos, como a recolha seletiva e a compostagem, e registaram-se novas adesões à utilização dos abrigos para biorresíduos instalados nas zonas de Almada Velha e Bairro da Nossa Senhora da Piedade. | **Tiago Queirós**

**TURISMO****Exposição ao ar livre liga Cacilhas ao Cristo Rei**

Foi inaugurada uma nova exposição urbana que propõe um percurso entre a frente ribeirinha de Cacilhas e o Santuário do Cristo Rei. Apresentada em painéis ao ar livre, a mostra “Cacilhas-Cristo Rei” está dividida em dois núcleos, um junto ao Santuário e outro perto do Seminário, e convida moradores e visitantes a percorrer o território para além dos pontos turísticos mais conhecidos, descobrindo a vivência urbana, o comércio local, os serviços e as histórias que ligam estes dois polos. O projeto, concebido para promover um turismo integrado e focado no território, resultou de uma candidatura ao

Programa Valorizar do Turismo de Portugal. Na cerimónia de inauguração, o vereador Ivan Gonçalves, responsável pelos pelouros do Turismo e da Economia, destacou a importância de promover Almada como destino que se descobre a pé, entre o rio e o monumento. | **Paulo Tavares**



HIGIENE URBANA

Papeleiras inteligentes chegam à Costa de Caparica

A Câmara Municipal de Almada instalou oito papeleiras inteligentes na Costa de Caparica, num projeto-piloto que testa uma nova forma de gerir os resíduos nas zonas de maior movimento pedonal, como a Rua dos Pescadores e o Paredão. Os equipamentos funcionam com um sistema de compactação alimentado a energia solar e têm sensores que acompanham, em tempo real, o nível de enchimento, avisando os serviços municipais quando a capacidade máxima está prestes a ser atingida.

Mais do que reduzir o número de viagens de recolha, a novidade permite otimizar os meios humanos e operacionais afetos a este serviço, concentrando as equipas onde e quando são realmente necessárias. O objetivo do município, para já, é avaliar a utilização e a aceitação destas



FLORBELA SALGUEIRO

papeleiras por parte de residentes e visitantes, antes de decidir sobre uma eventual expansão a outras zonas do concelho. | **Paulo Tavares**

AMBIENTE

Protocolo de Cooperação Técnica entre Almada e o IPMA

A presidente da Câmara Municipal de Almada, Inês de Medeiros, e o presidente do Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA), José Guerreiro, assinaram, nos Paços do Concelho, um protocolo de cooperação técnica para a cogestão das três Estações Meteorológicas Municipais de Almada.

O acordo prevê a integração destas estações na rede nacional de observação meteorológica do IPMA, que dispõe atualmente de apenas duas estações na Península de Setúbal. Ao juntar-lhes as três estações almadenses, a densidade da rede de observação na região sai reforçada, permitindo caracterizar com mais detalhe as condições atmosféricas locais e melhorar a capacidade de monitorização e resposta a fenómenos meteorológicos extremos.

Os dados recolhidos ficam disponíveis ao público através das plataformas digitais do IPMA e da Área Metropolitana de Lisboa, reforçando a capacidade científica do município na mitigação de riscos naturais e na adaptação às alterações climáticas.

| **Tiago Queirós**



FLORBELA SALGUEIRO

TRADIÇÕES

Marchas Populares - Entrega de Prémios

O Auditório Fernando Lopes-Graça recebeu, na tarde de 19 de setembro, a cerimónia de entrega dos prémios do Concurso de Marchas Populares de Almada, um momento que juntou participantes e público para celebrar o talento, a dedicação e o bairrismo do movimento associativo almadense. Além dos três primeiros classificados da geral, a cerimónia distingue também os vencedores em categorias específicas, como Avenida, Coreografia, Cenografia, Figurino, Letra e Musicalidade, reconhecendo publicamente o trabalho coletivo que, ano após ano, mantém viva uma das tradições mais marcantes do concelho. | **Bruna Ferreira**



ANABELA LUÍS



DESPORTO

Polidesportivo da Romeira reabre com desporto, música e um novo café

Depois de obras de reabilitação, o polidesportivo da Romeira reabriu portas com uma manhã de festa, ao som

dos Porbatuka, projeto musical de percussão de Almada. A cerimónia assinalou também a abertura do Café Feliz, um novo espaço de apoio à comunidade dinamizado pelo Centro Social Paroquial Padre Ricardo Gameiro, com o cardeal D. Américo Aguiar a destacar o seu papel na integração profissional de pessoas com deficiência.

Na cerimónia, a presidente da União de Freguesias, Maria D'Assis Almeida, sublinhou a importância do projeto para a reabilitação da zona e deixou um desafio a Inês de Medeiros: a construção de um parque infantil no local. Já a secretária de Estado da Ação Social e da Inclusão, Clara Marques Mendes, destacou a proximidade entre instituições sociais e populações. Inês de Medeiros encerrou as intervenções lembrando que o espaço nasce "de um sonho antigo" e é, ao mesmo tempo, de

integração, convívio e desporto.

O investimento no polidesportivo e no Café Feliz foi de 91.841 euros, dos quais 46 mil euros de apoio municipal ao Centro Social Paroquial Padre Ricardo Gameiro.

| **Paulo Tavares**

MENOS CARROS, MAIS ESPAÇO E SEGURANÇA PARA QUEM VIVE ALMADA

Entre 16 e 22 de setembro, durante a Semana Europeia da Mobilidade, sete zonas do concelho ganharam uma nova forma de ocupar o espaço público, com menos trânsito de atravessamento e mais espaço para andar a pé, parar e conviver.

TEXTO Paulo Tavares

Ao longo dos próximos meses, a forma como nos movemos em Almada vai mudar. Almada Velha, Almada Centro, a Cova da Piedade, o Laranjeiro, o Feijó, Vila Nova da Caparica e a Costa de Caparica; cada zona à sua maneira, está a testar ou consolidar um conjunto de intervenções com um denominador comum: devolver às pessoas o espaço que, durante décadas, foi sobretudo do automóvel.

A ideia e os objetivos são simples, mas exigiram coragem na decisão política. Menos carros a atravessar bairros residenciais significam menos ruído e menos poluição à porta de casa. Passeios mais largos e passadeiras mais seguras garantem que as crianças seguem a caminho da escola com menos sobressaltos. Mais árvores e mais sombra oferecem ruas mais frescas nos dias de muito calor, cada vez mais frequentes. E, sob outra perspetiva, um comércio local com mais gente a passar a pé, em vez de a atravessar de carro a caminho de outro lado, resulta em ruas, lojas e cafés com mais vida.

Estas mudanças na forma como nos movemos em Almada avançaram a ritmos diferentes. Umas definitivas e outras ainda em fase de teste e avaliação. Em Almada Velha, na Praça São João Baptista, no Laranjeiro, no Feijó e em Vila Nova da Caparica, as novas regras tornaram-se permanentes a partir da Semana Europeia da Mobilidade. Na Cova da Piedade e na Costa de Caparica, o município prefere testar primeiro: as soluções ficam nas ruas durante um período experimental e só passam a definitivas se a comunidade as receber bem e o trânsito se comportar conforme o previsto.

As sete intervenções assentam em quatro eixos: mais mobilidade suave e ativa - pedonalização; zonas de acesso automóvel condicionado e Zonas 30; adaptação climática e mais sombra no espaço público; e reforço dos transportes públicos, com novas ligações e ajuste dos percursos de algumas carreiras.

Nas páginas seguintes, zona a zona, saiba o que muda perto de si.

Almada Velha

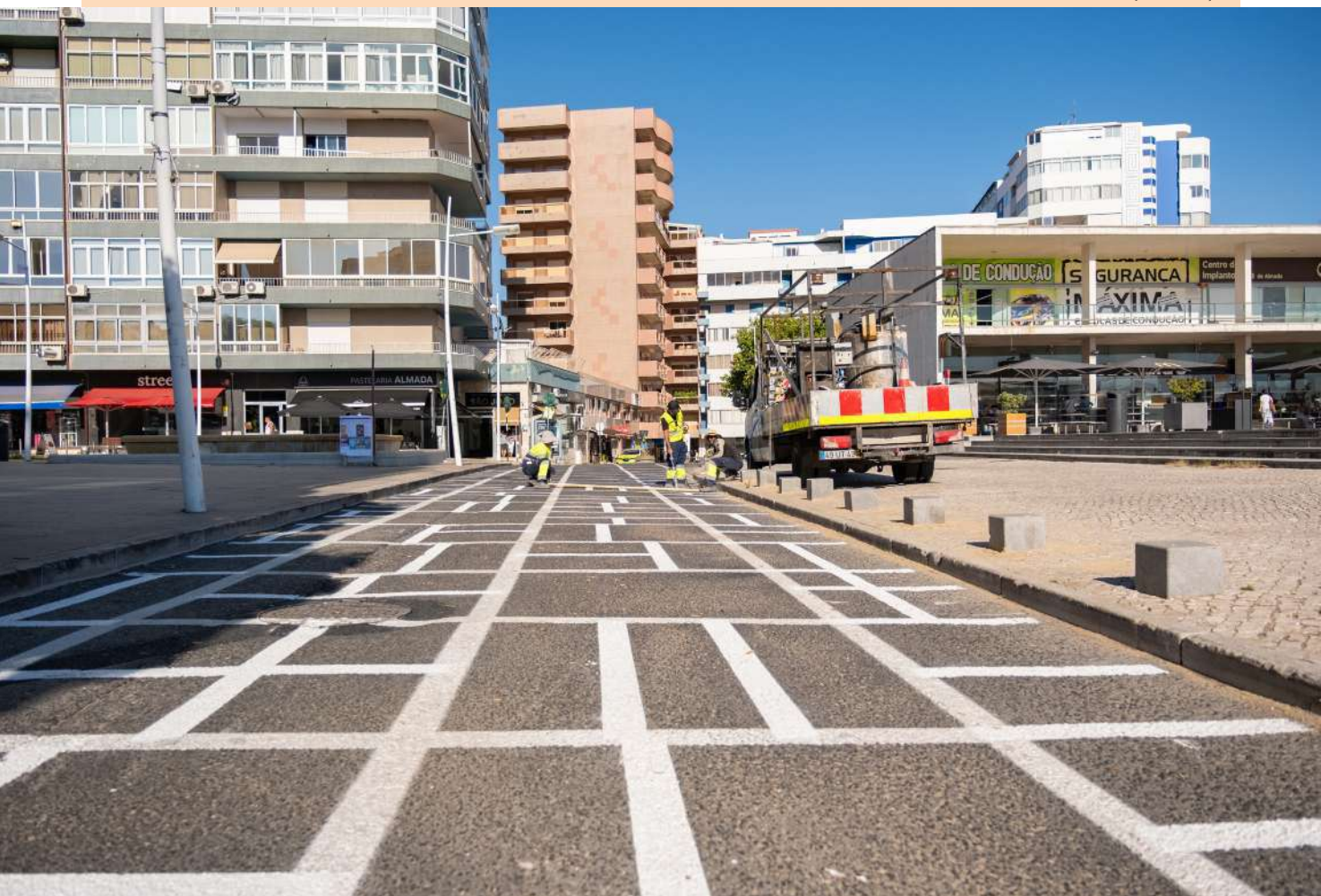
ZONA DE ACESSO AUTOMÓVEL CONDICIONADO (MEDIDA PERMANENTE)

O núcleo histórico de Almada Velha ganhou, a partir da Semana Europeia da Mobilidade, uma Zona de Acesso Automóvel Condicionado (ZAAC) permanente. O acesso faz-se agora através de seis portas identificadas por painéis informativos, sem barreiras físicas a bloquear a entrada. Moradores, veículos de emergência, transportes públicos, serviços municipais e operações de carga e descarga continuam com acesso garantido, mas o trânsito geral fica de fora. O objetivo é simples: menos carros a cortar caminho pelo eixo turístico entre Cacilhas e o Cristo Rei, mais espaço para quem passeia e visita, e novos recantos de convívio onde antes só havia trânsito. Pedidos de autorização de acesso e dísticos em www.wemob.pt

LUÍS FILIPE CATARINO



RAQUEL FRANÇA



Almada Centro

PRAÇA SÃO JOÃO BAPTISTA (MEDIDA PERMANENTE)

A Praça São João Baptista transformou-se, quase exclusivamente, num espaço público pedonal, integrado no projeto Coolife Almada de adaptação climática do centro da cidade. Os arruamentos a sul e a nascente da praça tornaram-se definitivamente pedonais, incluindo a rua junto às esplanadas e o espaço entre a Praça São João

Baptista e a Praça da Liberdade. A circulação automóvel foi reorganizada, deixando de ser possível virar à esquerda para a Avenida Dom Nuno Álvares Pereira junto à praça, manobra agora reservada a transportes públicos e veículos pesados, o que reduz o risco de conflitos com o Metro Sul do Tejo. As linhas 3702 e 3703 da Carris Metropolitana passam a circular pelas ruas Padre António Vieira e Dom Francisco Xavier de Noronha, com o ajuste correspondente na localização das paragens.

Cova da Piedade

BAIRRO DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE (FASE EXPERIMENTAL, DECISÃO APÓS AVALIAÇÃO)

Fruto do diálogo entre o município, a associação de moradores e os residentes, o Bairro de Nossa Senhora da Piedade estreia uma Zona 30 assinalada por portas de entrada nas principais vias de acesso. Durante a Semana Europeia da Mobilidade, a medida arrancou em fase experimental e a sua continuidade vai depender da forma como a comunidade a receber. Nas ruas de Vera Cruz e Terras dos Cortes-Reais deixou de ser possível atravessar o bairro de lado a lado; surgiram novas passadeiras e sentidos únicos, com inversão de sentido nas ruas Ilha das Maldivas e Arzila e um novo circuito circular em torno da Praça de Ceuta. O estacionamento passou a ter restrições entre as 9h00 e as 18h00.

LUÍS FILIPE CATARINO



LUÍS FILIPE CATARINO



Laranjeiro

AVENIDA 23 DE JULHO E RUA LUÍS DE CAMÕES (MEDIDA PERMANENTE)

Junto à estação de metro do Laranjeiro, uma das zonas mais movimentadas da freguesia, a Avenida 23 de Julho ganhou, de forma definitiva, mais espaço para quem anda a pé. O canal automóvel foi reduzido e a zona de espera junto à passadeira alargou-se, protegendo os muitos munícipes que atravessam ali, todos os dias, a caminho dos transportes públicos ou do comércio local. Também passou a ser permanente a inversão do sentido de trânsito na Rua Luís de Camões, que deixou de funcionar como atalho entre os cruzamentos a norte e a sul, aliviando a pressão de trânsito no cruzamento com a Avenida 23 de Julho.

Laranjeiro / Feijó

**PRACETA DOM ANTÃO DE ALMADA
(FASE EXPERIMENTAL, COM
TRANSFORMAÇÃO DEFINITIVA EM ESPAÇO
SEM CARROS)**

Em parceria com os comerciantes locais e a Junta de Freguesia, a Praceta Dom Antão de Almada trocou lugares de estacionamento por espaço de convívio. A partir da Semana Europeia da Mobilidade, a intervenção arrancou de forma experimental, com elementos urbanos provisórios, mas a decisão de transformar a praceta num espaço público sem carros já está tomada. O plano inclui uma pequena área verde com sombra de árvores, mais solo permeável, graças à redução da área pavimentada, e um novo eixo pedonal que liga a Praça Lopes Graça à Rua Borges do Rego, dando vida nova ao comércio e às esplanadas da zona. Quem mora ali mantém o acesso às garagens sem alterações.



CARLOS VALADAS



CARLOS VALADAS



Vila Nova da Caparica

**RUA PEDRO ÁLVARES CABRAL
(MEDIDA PERMANENTE)**

Era um pedido antigo da comunidade escolar e tornou-se agora realidade: o troço da Rua Pedro Álvares Cabral entre a Rua Vasco da Gama e a Rua Diogo Cão, junto à Escola EBI/JI de Vila Nova da Caparica, foi definitivamente encerrado ao trânsito automóvel. A rua transformou-se numa alameda de recreio e convívio, aproveitando a arborização já existente, com os dois cruzamentos fechados por floreiras. O trânsito automóvel passou a fazer-se pela Rua Nuno Tristão, uma alternativa paralela pouco utilizada até agora. O estacionamento próximo mantém-se, com novos lugares pontuais, incluindo um espaço bem visível em frente à escola. Esta foi, de resto, uma intervenção de baixo custo e execução rápida, que aproveita o bom estado do pavimento e da vegetação já existentes.

Costa de Caparica

AVENIDA MOVIMENTO DAS FORÇAS ARMADAS (FASE EXPERIMENTAL, DECISÃO APÓS AVALIAÇÃO)

Depois do sucesso do modelo testado na Semana Europeia da Mobilidade de 2023, a Costa de Caparica repetiu a fórmula, agora com mais fôlego. A Avenida Movimento das Forças Armadas, no quarteirão entre a Rua Dom João VI e a Rua Padre Baltazar, foi temporariamente fechada ao trânsito de atravessamento, dando continuidade ao eixo pedonal que nasce junto ao mercado e se aproxima da Avenida da República e da Rua dos Pescadores.

FLORBELA SALGUEIRO



Durante esse período de testes, barreiras e sinalização vertical impediram a passagem de trânsito, mas o abastecimento do mercado e as operações de carga e descarga continuaram garantidos; a Travessa António Martins ficou também encerrada à circulação automóvel. Foram ainda criados novos lugares reservados a pessoas com mobilidade condicionada. Após avaliação da aceitação da comunidade e do comportamento do trânsito, a zona pedonal poderá permanecer, com o pavimento remodelado por inteiro para se uniformizar com as restantes áreas pedonais da Costa de Caparica.



RAQUEL FRANÇA

Em números

- 7 zonas de intervenção em todo o concelho
- 4 eixos de atuação: mobilidade suave, acesso condicionado, adaptação climática, transportes públicos
- 5 medidas já permanentes; 2 em fase de teste



ILUMINAÇÃO PÚBLICA PASSA PARA TECNOLOGIA LED



A luz em Almada está a mudar. O tradicional tom amarelado está a dar lugar a uma luz mais clara, eficiente e sustentável, num investimento de modernização da iluminação pública do concelho.

TEXTO **Bruna Ferreira**
FOTOGRAFIA **Raquel França**

A Câmara Municipal de Almada está a substituir mais de 33 mil luminárias (candeeiros) por tecnologia LED em todo o concelho, de forma a tornar o sistema de iluminação pública mais eficiente, reduzir o consumo energético e diminuir a pegada ecológica.

A transição, que envolve um investimento de mais de 20 milhões de euros e deve estar finalizada em novembro, vai permitir reduzir em 75% o consumo de energia associado à iluminação de ruas, avenidas e outros espaços públicos.

Para além da eficiência energética, a tecnologia LED oferece outros benefícios. Uma maior qualidade e uniformidade da iluminação, que permitem uma melhor visibilidade, reforçando a segurança. As luminárias LED apresentam também uma vida útil mais longa do que as soluções tradicionais, o que reduz o número de intervenções de manutenção.

A operação inclui ainda a integração de mais de 6 mil luminárias equipadas com um sistema de telegestão. Esta tecnologia inteligente permite acompanhar continuamente o funcionamento destes equipamentos, gerindo-os remotamente e identificando, por exemplo, ocorrências ou ajustando os níveis de iluminação ao longo do dia.

Para responder às diferentes características urbanas e necessidades do território, foram também selecionados 8 modelos distintos de luzes LED, tendo em conta critérios como a segurança, a eficiência energética e a integração estética no espaço público.

Este é mais um passo de Almada rumo à modernização e à sustentabilidade, com o objetivo de se tornar uma cidade cada vez mais eficiente, segura e preparada para o amanhã.



MANUEL J. MENDES

O CAMINHO PARA A EFICIÊNCIA ENERGÉTICA URBANA

São várias as medidas que têm vindo a ser implementadas no município para uma maior eficiência energética, mas é possível ir ainda mais longe. Manuel J. Mendes é Professor Associado do Departamento de Ciências dos Materiais da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade NOVA de Lisboa e especialista em energia solar. Nesta entrevista, explica como podem as cidades, como Almada, caminhar para um futuro mais sustentável.

EDIÇÃO **Bruna Ferreira** FOTOGRAFIA **Raquel França**

Como é que uma cidade se pode tornar mais eficiente do ponto de vista energético?

As cidades ganham eficiência energética essencialmente com a redução de consumos e a produção local de energia renovável.

Os edifícios, tanto públicos como privados, ganham sobretudo com o isolamento térmico, janelas eficientes e iluminação LED, juntamente com a instalação de painéis fotovoltaicos em coberturas e fachadas para autoconsumo. Esta solução transforma os edifícios em fontes produtoras de energia limpa, reduzindo a dependência da rede e as emissões nocivas.

Já a iluminação pública deve ser convertida para lâmpadas LED, com telegestão integrada, de forma a gerar poupanças de 50% a 70% no consumo elétrico. Nos transportes, deve-se projetar uma rede pública elétrica que seja verdadeiramente abrangente, pontual e com informação em tempo real disponibilizada aos utilizadores.

Que exemplos podemos retirar de outras cidades europeias?

Cidades como Copenhaga e Barcelona destacam-se pela instalação massiva de fotovoltaico em edifícios municipais e pela criação de comunidades de energia solar partilhada, permitindo o consumo e produção de energia limpa localmente. Estocolmo, por sua vez, apostou numa vasta rede de aquecimento urbano alimentada por biomassa e calor residual, bem como na instalação de painéis fotovoltaicos em edifícios municipais.

Almada também já demonstrou resultados positivos com o projeto EcoEnLight (sistema de LED e telegestão em semáforos e iluminação pública) e, sobretudo, com os Núcleos de Energia Renovável (NER), que utilizam fotovoltaico em habitação social. Estes modelos de autoconsumo coletivo solar são altamente benéficos: reduzem as faturas, combatem a pobreza energética e aceleram a descarbonização.

Para cidades como Almada, a integração de foto-





“É importante estarmos cientes da quantidade gigantesca - e gratuita - de energia solar que chega continuamente à superfície terrestre”.

voltaico nos edifícios e instalações públicas (como parques de estacionamento, paragens de transportes públicos, entre outras) é, atualmente, a tecnologia mais acessível, rápida de implementar e com maior retorno económico e ambiental.

Para além da instalação de sistemas fotovoltaicos, que outras medidas podemos adotar em Almada?

É essencial expandir a rede de ciclovias e do metro, para conectar a cidade aos locais mais relevantes, possivelmente através de uma linha circular abrangente. Expandir os NER, promover mais comunidades de energia renovável baseadas em energia solar e continuar a conversão da iluminação pública para LED inteligente.

Estas seriam ações com grande potencial de impacto para Almada, alinhadas com as metas europeias e nacionais de sustentabilidade, resiliência energética e neutralidade carbónica até 2050.

A substituição de luminárias por tecnologia LED já está a decorrer em todo o concelho, mas há quem considere esta iluminação pior que a tradicional. Concorda com a afirmação?

Não, o LED de qualidade oferece melhor ou igual iluminação, maior uniformidade, ou seja, menos zonas escuras, e boas projeções de cores se as lâmpadas tiverem a temperatura adequada. São também lâmpadas mais duradouras, pelo que reduzem os custos de manutenção.

E dentro das nossas casas? Que medidas simples e eficazes podemos adotar para reduzir o consumo e os custos de energia?

As medidas mais simples e eficazes passam por substituir todas as lâmpadas por LED, isolar termicamente a casa, melhorar janelas, usar eletrodomésticos eficientes e, por fim, instalar painéis solares fotovoltaicos para autoconsumo.

Atualmente existem apoios públicos que podem ajudar em alguns destes investimentos, nomeadamente na integração de fotovoltaico na residência de habitação, que permite aos cidadãos baixarem significativamente a fatura elétrica e contribuírem diretamente para a sustentabilidade da zona em que vivem.

DEBAIXO DO CHÃO: A NOSSA HISTÓRIA

Sob os nossos pés há memórias coletivas que contam a nossa história. Dentro de escolas, ao largo das igrejas, em miradouros onde vamos admirar a paisagem, há muitos lugares que pisamos e que escondem um valor patrimonial imenso. Nas próximas páginas encontra alguns desses lugares que têm revelado as origens de Almada, para além dos museus e espaços arqueológicos formais.

TEXTO **Margarida Leal**
ILUSTRAÇÃO **Inês Caraça**

Almaraz

Numa ampla plataforma que domina a foz do Tejo, em frente a Lisboa, ergue-se um dos mais emblemáticos povoados da Idade do Ferro em território português.

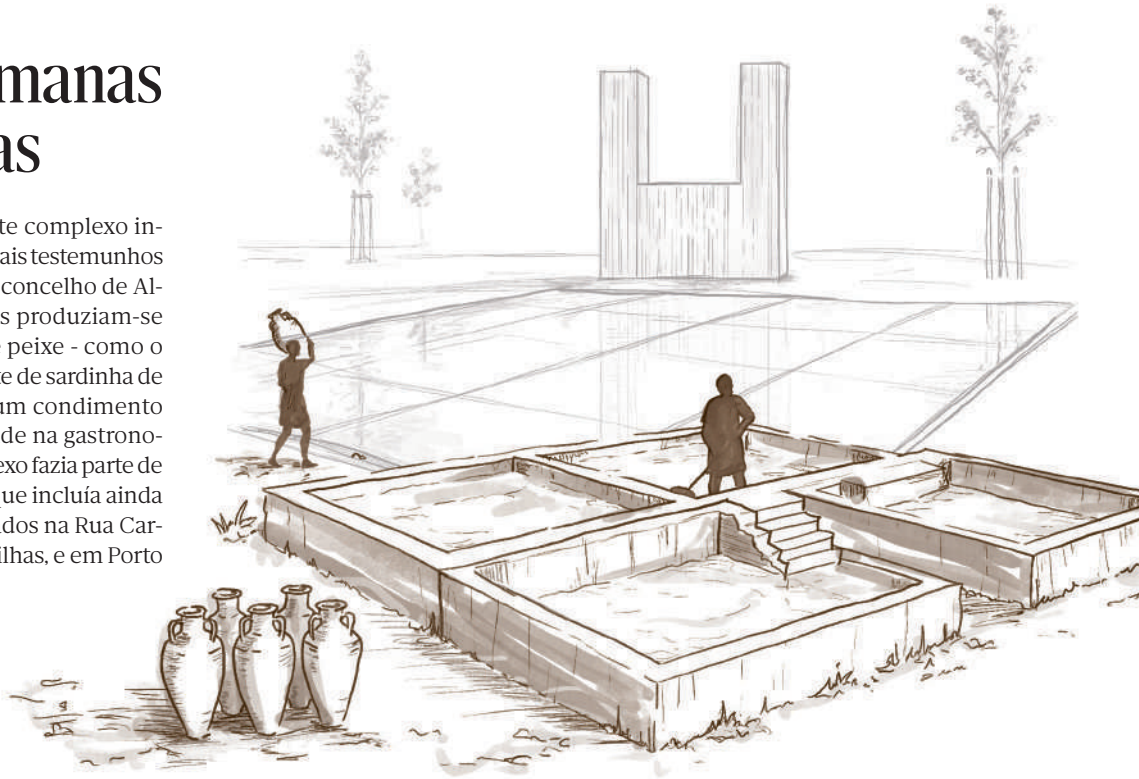
A Quinta do Almaraz desenvolveu-se entre os séculos VII e IV a.C., num período em que a presença de comunidades fenícias no estuário do Tejo transformou profundamente o modo de vida das populações locais.

A vida em Almaraz era intensa e diversificada. Produzia-se metal (prata, ouro, cobre, bronze e ferro), fabricava-se cerâmica, pescava-se no estuário e tecia-se. Ao mesmo tempo, chegavam produtos de todo o Mediterrâneo: cerâmicas gregas, vasos de alabastro egípcio, marfim, âmbar e ânforas do sul da Península Ibérica. Um escaravelho egípcio e pesos de balança com referências metrológicas da área de Tiro e Sídón, no atual Líbano, testemunham a dimensão e a sofisticação das redes comerciais em que este povoado participava.

Classificada como Sítio de Interesse Público, a Quinta do Almaraz é um dos sítios arqueológicos mais relevantes do concelho e uma janela única sobre a presença fenícia no estuário do Tejo.

Salgas Romanas de Cacilhas

Descoberto em 1981, este complexo industrial é um dos principais testemunhos da presença romana no concelho de Almada. Nos seus tanques produziam-se molhos feitos à base de peixe - como o Garum -, especificamente de sardinha de pequenas dimensões, um condimento com grande popularidade na gastronomia romana. Este complexo fazia parte de uma rede de produção que incluía ainda outros pontos identificados na Rua Carvalho Freirinha, em Cacilhas, e em Porto Brandão, na Caparica.



Museu de Almada – Covas de Pão

Estamos na antiga vila medieval. Aqui foram identificadas 25 covas de pão, as mais antigas do século XIII. Serviam para armazenar cereais, garantindo a subsistência das populações durante longos períodos. As escavações arqueológicas de 1992 a

1996 permitiram identificar as sucessivas utilizações deste local, que foi sendo adaptado à expansão urbana. Recuperaram-se artefactos dos séculos XIII a XVI, que hoje permitem reconstituir a vida quotidiana das comunidades da época.

Pátio Prior do Crato

As intervenções arqueológicas realizadas em 2015 e 2020 no quintal deste edifício, com vista à sua reabilitação, permitiram identificar 45 covas de pão escavadas na rocha base, de contorno circular e fundo côncavo. É a segunda maior concentração deste tipo de estruturas detetada em Almada, correspondendo a uma área de armazenamento de cereais, produzidos abundantemente neste território. Este conjunto foi abandonado ao longo do século XV.





Ermida Espírito Santo – Salão das Carochas

Aqui terminava a antiga vila medieval. Acredita-se que as fundações desta antiga ermida sejam de meados do século XIV. Nas escavações foram identificadas e intervencionadas 86 sepulturas pertencentes a uma necrópole situada no interior do edifício, danificado pelo terramoto de 1755.

No espólio recuperado encontram-se, além dos esqueletos humanos, artefactos de cariz religioso e simbólico, destacam-se exemplares de rosários, cruzes latinas em madeira e cobre, botões, numismas e fivelas, e fragmentos de cerâmica.

Gruta Artificial de São Paulo

Situada em frente ao Seminário de Almada, aqui foi descoberta uma das mais excepcionais coleções de espólio funerário calcolítico a nível peninsular. Construída há cerca de 5000 anos, recorrendo apenas a ferramentas de pedra, esta gruta tinha uma câmara funerária com quase 7 metros de diâmetro, na qual se estima que

tenham sido sepultadas, pelo menos, 255 pessoas. O carácter sagrado deste local reflete-se na sua longa utilização, durante quase um milénio. As escavações recuperaram numerosas e valiosas peças de cariz votivo, como vasos cerâmicos profusamente decorados e contas de colar de materiais exóticos.

Quinta do Marcelo

Nos terrenos da atual Escola Básica e Secundária Anselmo de Andrade viveu nos longínquos séculos X e IX a.C. uma pequena comunidade, sem qualquer preocupação defensiva, aproveitando os terrenos férteis virados a sul. Os seus habitantes tinham uma intensa relação com o estuário, complementada pela caça e pela agricultura. Entre os objetos recuperados encontram-se facas de ferro (metal cuja metalurgia chegou ao ocidente peninsular com as comunidades fenícias) e uma pequena conta de âmbar de origem báltica que percorreu as rotas mediterrâneas até chegar às margens do Tejo. Estes objetos revelam que, mesmo antes da instalação de comunidades fenícias na região, as populações locais já participavam numa vasta rede de trocas que ligava o Atlântico ao Mediterrâneo.

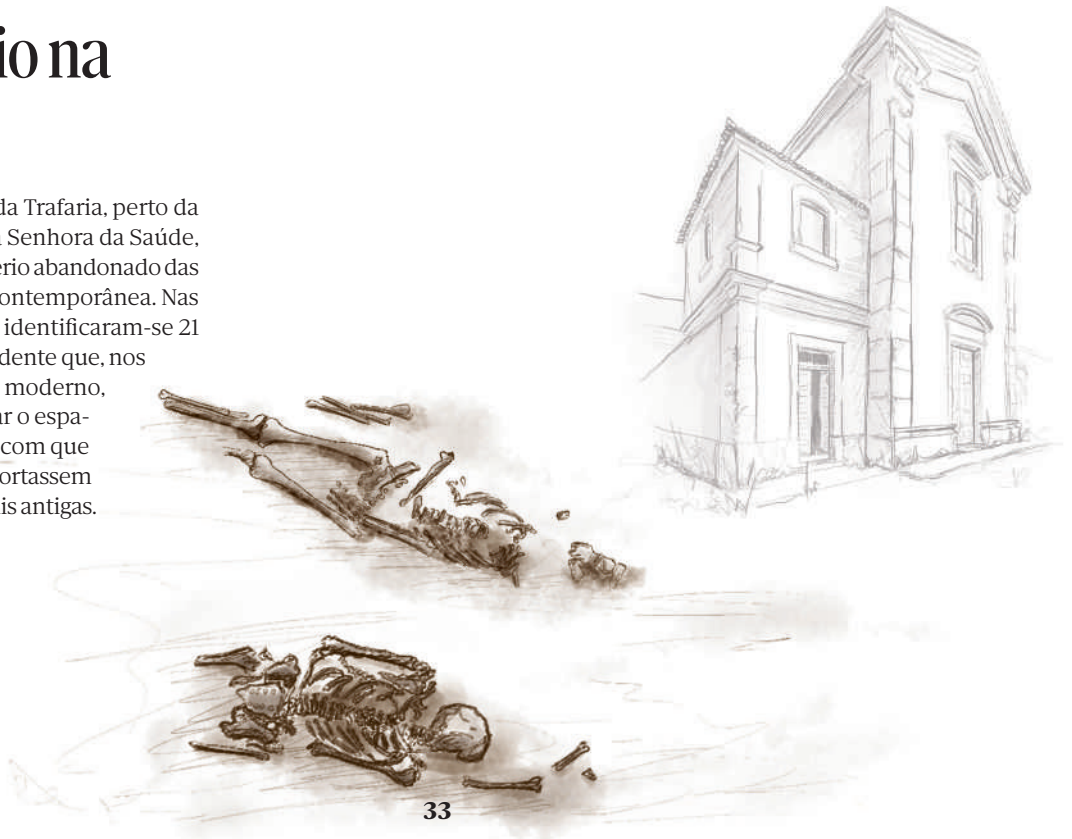
Miradouro dos Capuchos

Este local é um dos testemunhos mais significativos da presença humana pré-histórica no concelho. Foi identificada em 1975 pelo Centro de Arqueologia de Almada e foi intervencionada em parceria com a CMA devido à progressiva erosão da falésia. O sítio corresponderia a um eventual acampamento ao ar livre com amplo domínio visual. O espólio recolhido demonstra um eficaz domínio da técnica de talhe sobre sílex, do fabrico de machados de pedra polida, moagem de cereais e prática da metalurgia. De entre o conjunto cerâmico diversificado obtido, destacam-se, por exemplo, vasos perfurados para a transformação de laticínios.



Cemitério na Trafaria

A oeste do Presídio da Trafaria, perto da atual Igreja de Nossa Senhora da Saúde, situava-se um cemitério abandonado das épocas Moderna e Contemporânea. Nas escavações de 2022, identificaram-se 21 sepulturas. Ficou evidente que, nos períodos medieval e moderno, a necessidade de usar o espaço intensamente fez com que as novas sepulturas cortassem e danificassem as mais antigas.



SÉRGIO ROSA

“NÃO EXISTE ISSO DE SERMOS ‘PUROS’”.

Sérgio Rosa é um dos seis arqueólogos da Câmara Municipal de Almada. Fala-nos do trabalho que esta equipa desenvolve, de bons exemplos de colaboração entre a autarquia e entidades privadas e da importância de salvaguardar a memória e a identidade, sobretudo numa época em que proliferam discursos extremados. “Somos o resultado de mais de cinco mil anos de história. Vamos absorvendo um bocadinho de cada um dos povos que por cá passou.”

TEXTO **Margarida Leal** FOTOGRAFIA **Raquel França**

Como tem evoluído a arqueologia em Almada?

A arqueologia em Almada teve um período de grande atividade, nos anos 1980 e 1990, em que o município e a equipa estavam entre o melhor que se fazia a nível nacional. Houve um período em que isso não aconteceu e agora estamos a tentar recuperar e implementar um conjunto de medidas que salvaguardam património, mesmo em terrenos privados.

Atualmente, como é que funcionam?

O contacto entre proprietários e o município é feito através da Divisão de Reabilitação Urbana. Por vezes, é o próprio proprietário ou o promotor que se dirige à CMA e pergunta “o que é que eu posso fazer neste espaço?”

Tem algum bom exemplo de colaboração entre a arqueologia municipal e um projeto privado?

O melhor exemplo será o edifício da Rua Capitão Leitão [ao lado do edifício dos Paços do Concelho], onde se optou por expor os vestígios encontrados numa vitrine. Até fizemos escavações extra e assim beneficiámos todos. Se não mostrarmos, as pessoas não vão conhecer, não vão ter identidade e o nosso trabalho não tem valor. As pessoas respeitam mais o que conhecem.

E os donos ficam com uma casa com história e identidade próprias...

Os proprietários acabam por se orgulhar um bocadinho. Há um trabalho de valorização do sítio onde vivem. E mesmo quando abrimos as portas de espaços [como o Almaraz ou o Castelo] e fazemos oficinas,



peddy-papers, visitas, ou mesmo escavações abertas à população, para que possam acompanhar o trabalho, normalmente há uma grande procura. O mais surpreendente foi mesmo a visita ao Castelo, num dia de semana, marcada para as 10 horas. Às 9h15 já havia fila à porta do castelo. Nunca vivi nada assim.

São pessoas de cá que se inscrevem nestes eventos?

Há pessoas de Lisboa, mas a maior parte são de Almada, embora não tenha dados de todas as iniciativas. O nosso foco é para os de cá, porque esses vão ser os guias turísticos, vão ser eles a mostrar aos amigos e vão ser eles a convidar outras pessoas para vir visitar. É importante termos turismo para que a economia desenvolva, mas o mais importante é a comunidade local, porque os turistas vêm e vão, mas as pessoas que cá vivem são as que nos vão ajudar a proteger a arqueologia.

Como é fazer arqueologia em contexto urbano...

A equipa municipal de arqueologia e a da reabilitação urbana trabalham em conjunto, ao nível da sensibilização de novas obras, nomeadamente nas zonas onde é expectável haver vestígios enterrados. As pessoas têm que ter o máximo de informação sobre o que vão encontrar ali, e nós temos que as apoiar. A arqueologia não pode ser vista como um problema, tem que ser vista como uma mais-valia e é isso que nós estamos a implementar.

Os projetos arquitetónicos e de engenharia vão-se adaptando também à preservação dos espaços?

Sim, sempre que possível, quando a intervenção arqueológica é feita antes desses projetos estarem concluídos, é possível concretizar isso. Outras vezes, os projetos já estão numa fase muito desenvolvida e aí torna-se mais difícil. Mas temos tido boa aceitação também junto dos promotores.

A equipa da arqueologia do município tem quantas pessoas atualmente

Neste momento seremos uma das maiores [equipas municipais de arqueologia] da região de Lisboa. A primeira é Lisboa, depois Sintra e nós. Somos seis arqueólogos, embora depois tenhamos uma equipa com outras valências: conservação e restauro, assistentes técnicos e colegas que asseguram a gestão das reservas arqueológicas.

Que projetos e trabalhos esta equipa tem de garantir?

Temos este projeto de Almada Velha, em parceria

com a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da NOVA. O projeto da valorização da fábrica romana de Cacilhas. A Carta Arqueológica, que é uma base de dados com uma atualização contínua dos sítios arqueológicos registados e que deve servir de base aos serviços quando planeiam projetos. E a Quinta do Almaraz, que será o projeto de maior dimensão nos próximos anos. Claro que, depois, há divulgação e sensibilização, asseguradas pelos serviços educativos junto das camadas mais jovens e das famílias.

Esse trabalho com os mais novos também é muito importante...

Sem dúvida. E não se pode perder essa parte. A arqueologia é isto: nós trabalhamos com tudo, desde a alimentação até à arquitetura, à arte, à religião, aos símbolos... No fundo, vamos identificando também a cultura dos povos. E são esses fragmentos culturais que depois vão passando para as gerações seguintes e que nos tornam o que somos hoje.

A Arqueologia dá ferramentas para construir um pensamento crítico, até para desmontar alguns discursos mais perigosos?

No fundo somos um puzzle de culturas. Com os estudos que se fazem, fica comprovado que a população residente no território português tem misturas do mundo todo. Em cada época fomos recebendo contributos e genes de várias partes do mundo, desde a África até à América, e isso vai ficando não só na nossa genética, mas também na nossa cultura. Não existe isso de sermos "os puros".

Daí a importância do trabalho de divulgação e de sensibilização...

Sim. A arqueologia ajuda-nos a compreender melhor o passado e, muitas vezes, a questionar ideias simplistas que acabamos por tomar como verdades. Mesmo em períodos marcados pelo conflito, como a conquista cristã, os contextos arqueológicos que estudamos revelam sobretudo evidências da vida quotidiana, da convivência entre comunidades e das trocas económicas. Dentro das nossas 25 escavações, encontramos apenas uma ponta de lança em ferro. Em contrapartida, existem inúmeros objetos do dia a dia que testemunham contactos e trocas comerciais, primeiro com o sul de Espanha, mais tarde com a Itália e até com a China. Somos o resultado de cinco mil anos de história, fomos absorvendo um bocadinho de cada um dos povos que por cá passou.



COOPERATIVA PIEDENSE: A NOVA CASA DO PATRIMÓNIO DE ALMADA

Há um edifício onde o passado do concelho está a ser cuidadosamente organizado e estudado. Na antiga Cooperativa Piedense, a Câmara Municipal de Almada concentrou o espólio museológico municipal, até aqui disperso por vários locais, e criou condições de conservação que vão do controlo de humidade ao tratamento de pragas. Andrea Cardoso, Chefe de Divisão de Museus e Património Cultural do Departamento de Cultura, conta à Revista Almada como está a avançar este projeto e o que vem a seguir.

TEXTO **Paulo Tavares** FOTOGRAFIA **Carlos Valadas**

Como está catalogado o espólio? Existe uma base de dados digital acessível?

O espólio museológico e artístico municipal está a ser objeto de um inventário sistemático, iniciado em 2020 e realizado pelas equipas da Divisão de Museus e Património Cultural e do Centro de Arte Contemporânea. O trabalho é desenvolvido através do sistema InArte, que permite registar e gerir informação sobre os bens museológicos, nomeadamente a sua identificação, proveniência, características e localização.

Parte desta informação está disponível para consulta pública online, através da plataforma de inventário da Câmara Municipal de Almada, que constitui uma ferramenta essencial para o conhecimento e a documentação das coleções, bem como para a sua organização, conservação, divulgação e gestão.

Qual a percentagem das coleções já cobertas pelo inventário sistemático iniciado em 2020 e para quando está prevista a conclusão desse trabalho?

O inventário encontra-se ainda em curso, estando já inventariados cerca de 20 mil objetos, mas não é possível, neste momento, indicar uma percentagem global de cobertura ou uma data definitiva para a conclusão

do trabalho, desde logo porque o espólio está em contínuo crescimento. A coleção de arqueologia aumenta a cada intervenção de escavação, e o restante acervo vai sendo enriquecido com novas incorporações, resultantes de doações ou de trabalho de recolha e investigação. Trata-se, no fundo, de um processo contínuo que acompanha a própria reorganização das coleções e permite aprofundar progressivamente o conhecimento sobre os acervos e as respetivas necessidades de conservação.

O que mudou na forma como as Reservas são geridas hoje face ao passado?

A principal mudança foi a passagem de uma realidade marcada pela dispersão das coleções por diferentes edifícios, muitos deles sem condições concebidas especificamente para reservas, para uma estratégia integrada de gestão dos acervos.

Desde 2020, a reorganização passou a assentar no conhecimento sistemático das coleções, na avaliação das suas necessidades e na definição de critérios de organização, acondicionamento e conservação. A criação da reserva municipal partilhada na antiga Cooperativa Piedense constitui um passo fundamental neste processo.



A gestão das coleções é hoje orientada por princípios de conservação preventiva, controlo ambiental, segurança, documentação e procedimentos adequados de movimentação, ultrapassando uma lógica centrada exclusivamente no armazenamento.

Houve algum momento mais sensível ou a exigir maiores cuidados na operação de transferência das diferentes coleções para o novo espaço?

A transferência da coleção arqueológica, realizada em 2021, constituiu uma operação particularmente exigente pela sua dimensão e pela diversidade dos materiais envolvidos. Tratava-se de milhares de objetos provenientes de diferentes intervenções arqueológicas, o que exigiu um trabalho cuidado de planeamento, identificação, manuseamento e acondicionamento.

Qual é a diferença concreta, no dia a dia, de ter as diferentes coleções reunidas na Cooperativa Piedense em vez de dispersas por vários edifícios?

A concentração das coleções permite uma gestão mais integrada e eficiente dos acervos e dos recursos humanos e materiais. A proximidade entre as reservas e as áreas de trabalho facilita as operações quotidianas de inventário, conservação, documentação, investigação e movimentação das peças.

Permite também uma maior proximidade das equipas às coleções e uma aplicação mais sistemática dos procedimentos de conservação preventiva, controlo ambiental e segurança.

“O objetivo é que a antiga Cooperativa Piedense se afirme como uma infraestrutura permanente de gestão, conservação, conhecimento e valorização das coleções municipais.”

As condições de conservação - temperatura, humidade e pragas - são as ideais para garantir a preservação das peças?

As condições ambientais estão a ser progressivamente criadas e ajustadas em função das necessidades dos diferentes materiais. A temperatura e a humidade relativa são monitorizadas através de *dataloggers* instalados em vários pontos da reserva, permitindo acompanhar a estabilidade das condições ambientais.

Existe igualmente um programa regular de controlo e desinfestação, sendo realizado, quando necessário, o expurgo por anoxia [n.d.r. - ausência total de oxigénio] de peças infestadas.

O objetivo é assegurar condições adequadas de conservação preventiva para os diferentes tipos de acervo, num processo que continua a ser acompanhado e otimizado.

Que condições de conservação preventiva foram definidas na Cooperativa Piedense para os materiais arqueológicos mais sensíveis, como metais e vidro?

Os metais e vidros da coleção arqueológica, por serem materiais particularmente frágeis e sensíveis às condições ambientais, foram acondicionados num espaço isolado e especificamente destinado à sua conservação.

Este espaço está equipado com desumidificadores, que permitem controlar a humidade relativa, e com *dataloggers*, que asseguram a monitorização contínua da temperatura e da humidade. Estas medidas integram a estratégia de conservação preventiva que está a ser progressivamente implementada nas Reservas da Cooperativa Piedense.

Como funciona, na prática, a zona de quarentena para materiais que chegam do exterior antes de entrarem na reserva?

A zona de quarentena permite isolar temporariamente bens que apresentem necessidades específicas

de tratamento. Este procedimento permite avaliar o estado de conservação dos materiais e prevenir a introdução de agentes biológicos ou outros fatores de risco nas coleções já armazenadas.

Os investigadores conseguem consultar o espólio? Como podem pedir acesso?

O estudo das coleções por investigadores já constitui uma prática regular nas instalações da reserva, sobretudo no que respeita às coleções arqueológicas.

O acesso ao espólio é realizado mediante requerimento do interessado e subsequente parecer técnico, que permitem avaliar o pedido e definir as condições adequadas de consulta e manuseamento das peças.

A criação de espaços de trabalho junto das Reservas facilita esta utilização e reforça a função da infraestrutura enquanto espaço de investigação e conhecimento.

Para lá das pontes de contacto e partilha com a academia, como pretendem envolver a comunidade nos trabalhos de conservação, restauro e valorização do património cultural do Município?

As Reservas foram pensadas também como um espaço de abertura à comunidade, aproximando os cidadãos do trabalho desenvolvido na área da conservação e salvaguarda do património. Está prevista uma área destinada à realização de *workshops* e oficinas de

conservação e restauro, permitindo dar a conhecer estas práticas e promover a sensibilização para a importância da preservação das coleções. Esta abertura começou, aliás, a concretizar-se este ano, com as primeiras visitas guiadas às Reservas, que permitem dar a conhecer o acervo que não se encontra em exposição, mostrar o trabalho desenvolvido pela equipa do museu e envolver a comunidade na salvaguarda das coleções municipais.

Com o crescimento contínuo do espólio arqueológico e a integração, ainda por concluir, da indústria naval e da coleção artística da Casa da Cerca, como está a ser assegurada a capacidade de espaço a médio prazo?

A capacidade futura foi considerada desde o início do projeto. A antiga Cooperativa Piedense dispõe de cerca de 1800 m² distribuídos por dois pisos, permitindo uma utilização diferenciada dos espaços e a organização das coleções de acordo com as suas características, dimensões e necessidades.

O planeamento teve em consideração o crescimento futuro dos acervos, particularmente significativo no caso da arqueologia, procurando assegurar capacidade para novas incorporações.

Este é um projeto com ambições futuras para lá do simples inventário e conservação do património. Pode explicar-nos quais os próximos passos?

O objetivo é que a antiga Cooperativa Piedense se afirme como uma infraestrutura permanente de gestão, conservação, conhecimento e valorização das coleções municipais, e não apenas como um espaço de armazenamento.

Os próximos passos passam pela continuação da reorganização das Reservas e pela integração progressiva da coleção de indústria naval e da coleção de artes visuais da Casa da Cerca, bem como pela consolidação das áreas de conservação e restauro, documentação, investigação e formação.

Pretende-se também reforçar a colaboração com universidades e centros de investigação e aprofundar a abertura das Reservas à comunidade. A ambição é que a Cooperativa Piedense funcione como um espaço onde armazenamento, preservação, investigação, formação e participação da comunidade estejam articulados, contribuindo para um conhecimento mais aprofundado e para uma maior valorização do património cultural de Almada.







DA CAPARICA

Os dias cheios d'O Sol da Caparica

TEXTO Paulo Tavares

FOTOGRAFIA Carlos Valadas e Raquel França

COMEÇA-SE COM UM ACORDEÃO E ACABA-SE O DIA SOB AS LUZES DE NÉON. Há palcos e "plateias" cheias, crianças com perucas cor-de-rosa, casais a dançar à sombra dos pinheiros e milhares de braços no ar ao som do mesmo refrão. São estes os retratos d'O Sol da Caparica, olhares de uma equipa de fotojornalistas, que as nossas páginas trazem este mês: não um momento, mas os dias do festival.

PORTFÓLIO



RAQUEL FRANÇA
RAQUEL FRANÇA





RAQUEL FRANCA
RAQUEL FRANCA





RAQUEL FRANÇA
RAQUEL FRANÇA





CARLOS VALADAS
CARLOS VALADAS





MERCADO DA ROMEIRA

O SONHO QUE TRANSFORMOU UMA RUÍNA NUM DOS POLOS GASTRONÓMICOS E CULTURAIS DE ALMADA

TEXTO **Mário Salgado** FOTOGRAFIA **Carlos Valadas**

Durante décadas, a Romeira foi um dos motores da industrialização de Almada. Este antigo complexo fabril acolheu, desde o século XIX, um conjunto de fábricas de produção de cortiça, bem como a Fábrica de Moagem do Caramujo. Contudo, a partir da década de 1960, o encerramento das fábricas mergulhou a Romeira num longo período de declínio, transformando-a numa espécie de cidade fantasma.

À frente do projeto está hoje Elizangela Socoloski, que assumiu a liderança do Mercado após a morte do marido, em 2020. A empresária brasileira chegou a Portugal em 2013, após conhecer Luís Nunes no Brasil. O casal instalou-se em Almada, cidade pela qual Luís sentia uma forte e profunda ligação.

Em 2016, Luís decidiu avançar com a recuperação do espaço da Romeira. "Quando ele me falou da ideia, chamei-o de

maluco”, admite Elizangela. “Mas ele era muito empreendedor e visionário.”

A inspiração vinha de espaços urbanos multifuncionais onde gastronomia e convívio pudessem coexistir. Luís imaginava restaurantes independentes, um *food court*, arte, música e uma nova dinâmica para uma zona que há muito perdera protagonismo. “E aqui instalou-se o sonho dele”, resume.

A CONTINUIDADE DE UM LEGADO

Dois anos depois da inauguração, o projeto da Romeira sofreu o seu maior abalo. Em 2020, Luís Nunes faleceu, deixando o futuro do mercado em aberto. “Da noite para o dia, tornei-me empresária sem saber nada do negócio. Foi muito complicado”, confessa Elizangela.

A continuidade do projeto passou a depender do esforço conjunto da família. Ao lado de Elizangela estão a filha Nicole e Ricardo Arsénio, atual Diretor-Geral. Nicole Nunes tornou-se o braço direito da mãe e assumiu as rédeas da produção musical e da programação de espetáculos. O mercado mantém-se um negócio familiar. “Temos lutado bastante, eu, a minha filha e o Ricardo, para isto continuar. Não foi só o projeto que me deu força, sabendo que era o sonho do Luís. Foram também os meus filhos”, afirma.

CULTURA E GASTRONOMIA COMO IDENTIDADE

Mais do que um espaço de restauração, o Mercado da Romeira consolidou-se como um espaço cultural da cidade. A música ao vivo é presença garantida aos fins de semana, complementada por iniciativas como noites de fado, comédia *stand-up*, danças sevilhanas ou os jogos da seleção projetados em ecrã gigante ao ar livre. “Num ano, temos mais de 100 dias de música ao vivo. É um grande encargo, mas também uma identidade que sempre quisemos manter”, sublinha Ricardo Arsénio.

Para o diretor-geral, o Mercado da Romeira é hoje uma das referências da cidade. “Continuamos a acreditar que a Romeira é uma das bandeiras de Almada, onde as pessoas podem vir almoçar, lanchar ou jantar e ficar para ouvir música ao vivo num espaço que preserva a cultura como nenhum outro no concelho”. Para isso, o mercado conta com 14 espaços de restauração, dois de bebidas, três de serviços e um *LoungeBar*.

O FUTURO: UMA NOVA FASE ATÉ 2029

O próximo grande passo é a segunda fase do projeto, idealizada originalmente por Luís Nunes e que deverá arrancar no próximo ano, com conclusão prevista para meados de 2029.

A nova área inclui espaços de lazer e serviços, bem como um pavilhão multiusos com capacidade para 250 pessoas, destinado a espetáculos, exposições e eventos culturais. O objetivo passa por diversificar a oferta e reforçar a função social e cultural do espaço. “Julgamos que, dentro de cinco anos, esta será a zona mais procurada de Almada”, acredita Ricardo.

Mais de uma década depois de chegar a Portugal, Elizangela continua a proteger um projeto que nasceu da visão do marido. O Mercado da Romeira é hoje o resultado dessa persistência: um espaço que recuperou uma área abandonada, criou uma nova atração na cidade e procura, diariamente, honrar o sonho de quem o imaginou pela primeira vez.



Mercado da Romeira

Tv. da Praia 100

<https://www.mercadodaromeira.pt>

/@mercadodaromeira/

Horário: Dom a 2ª feira: 12h às 00h / Bar: 19h às 02h

Luigi LoungeBar – 6ª e Sab: 23h às 04h

THE GREAT BRITISH TUGA

O OLHAR BRITÂNICO QUE TORNOU ALMADA VIRAL

Para muitos portugueses, Paul Lane já dispensa apresentações. O criador de conteúdos britânico, conhecido nas redes sociais como *The Great British Tuga*, conquistou milhares de seguidores com vídeos onde explora a gastronomia, a cultura e as particularidades do quotidiano português com uma mistura de humor, curiosidade e entusiasmo contagiante. Em Almada, cidade que hoje considera uma segunda casa, move-se com a familiaridade de quem já faz parte da paisagem.

TEXTO **Tiago Queirós**
FOTOGRAFIA **Raquel França**





“Bom dia, *shaggers*, it's your Great British Tuga”

O nosso roteiro começa em Cacilhas, que Paul descreve como um dos seus locais favoritos em Portugal. “Há qualquer coisa aqui que me faz sentir constantemente de férias”, admite, enquanto percorremos as ruas junto ao terminal fluvial. Natural de Birmingham, em Inglaterra, chegou ao nosso país de forma impulsiva, na ressaca de um desgosto amoroso e sem qualquer plano definido. “Reservei um voo depois de uns copos. Não havia preparação nenhuma”, conta entre risos. A ideia inicial era simples: afastar-se do Reino Unido durante uns meses e “desanuviar”.

Acabou por ficar.

Confessa que, em Inglaterra, muitos amigos ainda não têm noção da dimensão que ganhou nas redes sociais. “A minha mãe só percebeu mesmo quando veio visitar-me e viu pessoas a parar-me na rua.”

Entrámos no restaurante O Mirrita, onde Paul já gravou alguns dos seus vídeos mais populares. A receção é imediata. “É bom rapaz”, dizem os proprietários, enquanto lhe servem uma bifana especial. Sentado à mesa, fala de comida portuguesa como quem fala de património cultural. Entre sugestões de pratos mais improváveis - potenciais conteúdos para os seus seguidores - Paul vai recordando o percurso que o trouxe até aqui.

Antes do fenómeno The Great British Tuga, tentou criar conteúdos sobre o custo de vida em Portugal. Filmava promoções em supermercados e comparava preços entre Portugal e Reino Unido. O ponto de viragem surgiu quase por acaso, junto a um McDonald's, quando decidiu mudar o nome da página e gravar um vídeo sobre bifanas.

“Pensei: esquece o Brit Abroad [n.d.r.: Inglês no estrangeiro]. Vai ser The Great British Tuga.”

A frase de abertura apareceu naturalmente logo depois: “Bom dia, *shaggers*, it's your Great British Tuga”.

Continuamos por Almada Velha, onde Paul abranda várias vezes para cumprimentar pessoas. O próprio admite que a exposição pública lhe retirou alguma privacidade. “Agora, se vou a algum lado, é quase garantido que alguém me vai parar.” Recorda o momento em que percebeu que a notoriedade tinha ultrapassado a internet. Depois de uma participação televisiva num programa da SIC, entrou num café e percebeu que toda a gente já sabia quem ele era. “Aí pensei: isto já não é brincadeira.”

Apesar do humor e do tom descontraído dos vídeos, Paul leva muito a sério aquilo que faz. Trabalhava numa empresa de suporte informático, mas neste momento dedica-se de corpo



e alma à criação de conteúdos, a maioria filmados sozinho, improvisando suportes para o telemóvel em copos ou mesas de café. “Eu simplesmente começo a gravar. Não tenho vergonha nenhuma.”

No Santuário do Cristo Rei, interrompe a conversa durante alguns segundos para olhar em silêncio sobre o Tejo.

“Nunca vi uma paisagem tão forte e bonita na minha vida”, admite.

A vista contrasta totalmente com Birmingham, cidade onde cresceu. É também aqui que fala da relação emocional que desenvolveu com

Portugal e da forma como os portugueses receberam alguém que chegou de fora. “As pessoas percebem que eu gosto genuinamente do país. Não estou só a fazer vídeos por fazer.” Essa ligação reflete-se nos conteúdos que publica. Para lá da comida procura mostrar a história e os hábitos portugueses.

Terminamos o percurso no Parque da Paz. O ambiente tranquilo parece contrastar com a personagem energética das redes sociais. Paul observa os prédios que surgem ao longe, por cima das árvores, e encontra beleza em detalhes que, admite, talvez passem despercebidos a quem sempre viveu aqui. “A arquitetura, a luz, os espaços verdes... para mim tudo isto é diferente.” O parque faz-lhe lembrar os grandes jardins britânicos, refúgios urbanos onde as pessoas procuram escapar ao ritmo da cidade.

Hoje, Paul Lane é uma das figuras estrangeiras mais reconhecíveis das redes sociais portuguesas, acompanhado diariamente por milhares de pessoas que encontraram no entusiasmo do “Great British Tuga” uma forma diferente de olhar para o país. Entre vídeos de bifanas, expressões populares e descobertas improváveis, foi construindo uma personagem que mistura o humor britânico e um carinho genuíno por Portugal.

Mas por detrás da energia constante e dos bordões repetidos nas ruas, existe também alguém cuja vida mudou completamente depois de chegar a Almada quase por acaso. O que começou como uma fuga temporária acabou por se transformar numa nova casa, numa nova identidade e numa ligação emocional profunda ao país que o acolheu.

Talvez seja precisamente isso que explica a naturalidade com que The Great British Tuga percorre Almada, não como um visitante, mas como alguém que encontrou aqui um lugar ao qual sente verdadeiramente que pertence.

“Nunca vi uma paisagem tão forte e bonita na minha vida”

SONS DE OUTONO

03 Outubro 21:00
Convento dos Capuchos
Caparica

10 Outubro 21:00
Igreja de S. Pedro da Trafaria
Trafaria

17 Outubro 21:00
Igreja de N. Sra. do Bom Sucesso
Cacilhas

24 Outubro 21:00
Igreja Matriz de N. Sra. da Conceição
Costa da Caparica

31 Outubro 21:00
Seminário de S. Paulo
Almada

FESTIVAL DE MÚSICA DE ALMADA
3—31 OUTUBRO

cm-almada.pt

O HOMEM

RTP
antena2


CAPUCHOS
ALMADA

CMA 
CÂMARA
MUNICIPAL
DE ALMADA